

MODESTO, Luiz Sergio; ARBEX JÚNIOR, José; CARVALHO, Márcio; AMARAL, Marina; SEVERIANO, Mylton; SOUZA, Sérgio de; ALMEIDA, Sérgio Pinto de; GLASS, Verena; NABUCO, Wagner - Entrevistadores (2000). Terra de todos. Entrevista de João Pedro Stedile. Em *Caros Amigos*. ISSN 1414-221X. N. 39. Junho de 2000. P. 30-37. São Paulo: Editora Casa Amarela.

JOÃO PEDRO STEDILE

TERRA DE TODOS

Considerado internacionalmente um fenômeno inédito na história das chamadas lutas populares, o Movimento dos Sem-Terra está despertando consciências para um olhar realmente novo do que vem a ser cidadania.

Esta entrevista de João Pedro Stedile, um dos 21 líderes do movimento, é uma lição de interpretação da atualidade brasileira e uma proposta - pacífica - que deve empolgar a sociedade.

Entrevistadores: Verena Glass, Marina Amaral, Mylton Severiano, José Arbex Jr., Luiz Sergio Modesto, Sérgio Pinto de Almeida, Wagner Nabuco, Márcio Carvalho, Sérgio de Souza.

Sérgio de Souza - **É a primeira vez que a gente faz uma entrevista pela segunda vez.**

João Pedro Stedile - Eu sou o primeiro repeteco.

Sérgio de Souza - **E o primeiro repeteco da *Caros Amigos*, em virtude da pressão crescente não só do governo como da própria imprensa sobre o Movimento, e para saber o que que vocês estão pensando a respeito.**

João Pedro Stedile - A avaliação geral que estamos fazendo da conjuntura é a de que o governo Fernando Henrique Cardoso vem aplicando esse modelo econômico desde o primeiro mandato, e para a agricultura esse modelo econômico tem sido um desastre. Na expressão dos próprios técnicos do governo: eles querem modernizar o nosso meio rural implantando o chamado modelo norte-americano.

Mylton Severiano - **Textualmente?**

João Pedro Stedile - Textualmente. O projeto dos tucanos é que a agricultura brasileira seja igualzinha àquelas pradarias do Mississippi, um monte de fazendas, de preferência se o cara tiver computador e falar algumas palavras em inglês. Em resumo, esse modelo se concentra em alguns pilares que o governo está construindo, por exemplo: estímulo a grandes fazendas de grãos para exportação, deslocando do Sul para o Centro-Oeste e colocando no orçamento 20 bilhões de reais para criar novos canais para exportação pelo Norte, pelos portos de Itacoatiara e São Luís, e as duas ferrovias, a Centro-Oeste e a Norte. Segundo pilar dessa política: eles partem da tese de que, no mundo moderno capitalista, só as grandes empresas são capazes de abastecer o mercado. Então tem de ter uma empresa com capacidade de abastecer o supermercado de Chapecó, de Porto Velho e de Fortaleza ao mesmo tempo. Com a agravante de que esses complexos agroindustriais são todos multinacionais, então houve também um estímulo a desnacionalização. Abro, como exemplo, o último segmento, o de temperos, até esse já foi desnacionalizado com a compra agora, por uma *fast-food* americana, da Arisco. Nem o tempero os brasileiros estão controlando. São três multinacionais: a Maggi, a Knorr e essa *fast* não sei do quê (*RMB Ltda.*). O terceiro pilar da política deles é não acreditar na agricultura familiar. Eles dizem em *off* para nós, que é mais barato para o governo aposentar o pequeno agricultor do que criar um programa de subsídio, sabendo que no mundo inteiro a agricultura é subsidiada, inclusive nos Estados Unidos, na Europa, no Japão. Quarta linha deles, gravíssima também, é o complemento no pacote tecnológico. Antes, a tecnologia agrícola no Brasil era pesquisada pela Embrapa, uma empresa pública. Então, todos os avanços do conhecimento científico ela democratizava, porque não pode vender, ela passava para qualquer agricultor. Agora, eles sucatearam a Embrapa, há cinco anos o orçamento dela é o mesmo, e quem está controlando as tecnologias são as grandes empresas. E quais são as empresas com capacidade de investir em tecnologia? As multinacionais, Monsanto, Cargill, estão controlando a biotecnologia. Vínhamos denunciando ao governo: "Olha, esse modelo não vai dar certo, só vai gerar pobre, gerar tensão social". Eles davam risada: "Isso é atraso, os dinossauros, vocês sonham com aquela agricultura idealista da Europa". Uma vez o Jungmann chegou a me dizer: "Isso é a origem cristã que vocês têm lá dos imigrantes". Deve ter pensado: "Nós, os ateus, decerto somos mais modernos". E aconteceu que, passados cinco anos, o processo de empobrecimento foi real. E não mais só pela nossa boca começou a aparecer essa exclusão social, começou a aparecer nos próprios estudos do governo, baseados no censo agropecuário e em pesquisas feitas pela própria Embrapa e pela Fundação Getúlio Vargas. Há um estudo feito pelos próprios técnicos do governo, que se chama "O Empobrecimento da Agricultura Brasileira", que revela o seguinte: nenhuma propriedade no Brasil com menos de 50 hectares está conseguindo renda equivalente a um salário mínimo. E nesse mesmo estudo eles alertam: se não mudar a política agrícola, há uma bomba migratória instalada; nos próximos anos, de 8 a 13 milhões de pessoas que vivem no meio rural, sobretudo no Nordeste, irão para as cidades. Podem não ir para o Rio, para São Paulo, que é longe, mas irão para Salvador,

Recife, Fortaleza. Que solução para uma pessoa semi-analfabeta, com 3º ano primário! Vai ser um caos. Isso, nos documentos do governo.

Marina Amaral - **Que resultado você prevê?**

João Pedro Stedile - O resultado desse processo de empobrecimento que começa a aparecer até nos estudos apareceu nas ruas. O que antes era apenas o Movimento dos Sem-Terra, pela reforma agrária, e testatatório da política do governo, agora se multiplicou em outros movimentos sociais: o de pequenos agricultores, o das mulheres rurais, o de alguns setores do movimento sindical, como a Federação dos Trabalhadores no Pará, e outros sindicatos da Região Nordeste. Durante os últimos dois meses, todos esses setores foram pra rua protestar, com ações muito mais radicais do que as nossas. O Movimento dos Pequenos Agricultores, o MPA, que tem presença mais forte no Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Piauí, Rondônia, trancou o Banco Central durante três dias. Não saía carro forte com dinheiro, o movimento financeiro ficou parado em toda a Região Sul, e o governo quieto, não fez nada. O movimento sindical do centro-oeste trancou durante uma semana a 262, rodovia que liga todo o trânsito para aquela região do país. O movimento sindical da Federação do Pará ocupou as agendas do Basa, que é a principal instituição financeira de lá, e o governo quieto. O governo só bateu em nós. Por quê? Aí é outra conclusão: o Fernando Henrique e o núcleo central do Palácio do Planalto não são burros, eles lêem melhor jornal do que nós, e estão vendo que esse modelo econômico que as próprias elites chamaram de neoliberalismo ou globalização está sendo um fracasso na América Latina inteira. Que nos países que têm um nível de organização social maior ou são menores em dimensão territorial eclodiram reações populares, as elites tiveram de adotar um discurso de esquerda para ganhar as eleições. Esse tipo de reação popular pode indicar que no Brasil também, nos próximos meses ou anos, saíamos desse refluxo em que estava o movimento de massas. Porque há uma insatisfação popular muito grande contra o governo, faz dois anos que ele está gastando em propaganda e não sai dos 10 por cento! Então, como as condições objetivas para uma movimentação de massas contra o governo estão dadas, o governo decidiu bater no MST porque, embora pouco representativos na sociedade brasileira, somos um mau exemplo, porque, com as nossas mobilizações, vivemos dizendo: "Ó, quem é pobre, trabalhador, só tem um jeito, se organize e vá pra rua protestar". E o governo tem de abafar esse mau exemplo antes que a pradaria pegue fogo.

José Arbex Jr. - **Num certo sentido, acho que o MST é muito representativo, por que você diz que é pouco representativo?**

João Pedro Stedile - Pouco do ponto de vista estatístico. Somos 170 milhões de habitantes e os sem-terra são 4 milhões de famílias, *grossa modo* 20 milhões de pessoas, 10 por cento, 15 por cento da sociedade brasileira. Se os pobres da cidade resolverem se mobilizar, aí, sim, o governo vai ver o que é povo na rua.

Sérgio de Souza - **Mas o que é que você prevê se a pradaria pegar fogo?**

João Pedro Stedile - Acho que, se o povo brasileiro resolver ir pra rua, no mínimo vamos obrigar o governo a mudar a política econômica, ou seja, tomar outras medidas que encaminhem o país para um processo de distribuição de renda, de interromper o processo de desnacionalização, interromper o pagamento da dívida externa, equalizar a taxa de juros no Brasil ao mercado internacional, pelo menos.

Sérgio de Souza - **Tudo o que o FMI não quer?**

João Pedro Stedile - Aliás, romper o acordo com o FMI é a primeira coisa, e tudo depende de quantas pessoas botarmos na rua, tudo é uma questão de correlação de forças.

Wagner Nabuco - **Que arco de alianças sociais e políticas seria preciso para implantar um modelo desse tipo, redistribuição de renda, equalização da taxa de juros, reforma agrária de fato?**

João Pedro Stedile - O que os estudiosos têm dito é que, no máximo, 15 por cento da população estaria sendo beneficiada por esse modelo que está aí: uma parte da classe média e as elites, 15 milhões de pessoas, que são de fato um grande mercado consumidor para as multinacionais no Brasil. Então, do ponto de vista social, tirando esses 15 milhões, todos os outros 150 milhões estariam interessados numa mudança da política. O problema que estamos enfrentando, e daí vem esse descenso do movimento de massa, é que não existem as chamadas condições subjetivas, ou seja, os 150 milhões de trabalhadores e excluídos do modelo não têm formas organizadas o suficiente para se manifestar de maneira contundente contra a política do governo. Então, é muito difícil falar em arco de alianças em termos de siglas de partidos e de movimentos sociais, porque de fato a maior parte da população brasileira está desorganizada.

José Arbex Jr. - **Sobre a correlação de forças, na minha opinião, está havendo um movimento constituído por dois componentes antagônicos que estão se apresentando com força bastante grande, de um lado um movimento de resistência popular, de outro lado uma ofensiva do governo, bastante grave. Que avaliação o MST está fazendo nesse contexto preciso?**

João Pedro Stedile - É verdade que o governo esta aumentando seus mecanismos autoritários. Alguns são blefe, como aquele "vou baixar uma medida provisória proibindo fazer vistoria em áreas ocupadas". Blefe, primeiro porque já existe um decreto de 1997 determinando isso, não funcionou, continuamos ocupando de 1997 pra cá mais ainda. Segundo, porque é ridículo. Se ele diz "a propriedade improdutiva que for ocupada não vamos desapropriar", bom, acampamos na frente, atrás, ao lado, em cima, embaixo, e dizemos "é essa aí", pronto. Então, é ineficaz. Agora, tem outros mecanismos que realmente representam essa tendência para o autoritário, para começar essa coordenação das polícias militares e estimulando a reprimirem mesmo, sobretudo nos governos estaduais mais alinhados com o federal, não é por nada que a repressão da Polícia Militar tem sido mais violenta no Paraná, Pernambuco, Pará, Bahia.

Todos - **São Paulo.**

João Pedro Stedile - E na avenida Paulista. Ninguém pergunta por que a Polícia Militar do Rio Grande do Sul não bate - e as manifestações acontecem lá também! Porque a polícia de Minas não bate. E há outro exemplo de endurecimento do governo e autoritarismo que é mais grave: a recriação do DOPS dentro da Polícia Federal. Essa divisão contra conflitos sociais é o DOPS. Os agentes da polícia disseram isso pra nós aqui nesse processo de São Paulo. É a recriação dos mecanismos que a ditadura usava. Além do SNI, que, na verdade, eles só estão recauchutando. Agora, acho que vai ter reações, e já está tendo, a sociedade não vai aceitar isso daí.

Sérgio de Souza - **Como é que foi essa conversa dos policiais que você citou aí?**

João Pedro Stedile - Foi no processo dos treze meninos que foram presos aqui em São Paulo, o processo saiu da Polícia Civil e foi para a Polícia Federal. Três ou quatro delegados ficaram fazendo mutirão pra poder tomar o depoimento de todos porque o juiz determinou que eles fossem ouvidos e soltos.

Sérgio de Souza - **Aqueles que foram para o Carandiru e tiveram a cabeça raspada?**

João Pedro Stedile - Sim. E os delegados disseram pra nós: "A orientação que tivemos de Brasília é que agora vamos nos especializar em vocês, então vamos combinar aqui porque agora é com a gente! Inclusive, na semana que vem, vamos ter uma reunião em Brasília onde chamaram um delegado da Polícia Federal para nos treinar, nos dar um curso, nos preparar para essa divisão...".

Mylton Severiano - **Semana passada, a *Folha de S. Paulo* deu em manchete que por volta de 70 por cento dos paulistanos são contra as invasões, ocupação de prédio e tal. Vocês reavaliariam isso?**

João Pedro Stedile - No Brasil, as pesquisas de opinião pública

não são feitas de maneira científica para saber de fato qual e o nível de conhecimento e consciência das pessoas. Fazem igual venda de Bombril: use Bombril, Bombril, Bombril. Depois vão lá e perguntam: "Qual é a palha de aço que tu prefere?"

É claro. Foi isso que eles fizeram: "Não pode ocupar prédio público, não pode ocupar prédio público...". Af perguntam à população. Essas pesquisas rápidas são feitas por telefone, sem nenhum critério científico, e a pergunta já é indutora. O Incra fez e deu 60 por cento contra o MST: "Você é a favor de que o Movimento dos Sem-Terra entre em prédio público, deprede e use o dinheiro público?" Se telefonam para minha casa, eu digo: "Sou contra". E essa não é a linha do Movimento também, então é preciso desmistificar e denunciar esse processo de pesquisas, que não é o que o povo pensa mesmo. E, na verdade, um instrumento apenas de propaganda. O caso do Incra é mais acintoso, porque quem faz as pesquisas para o Incra é a empresa do senhor Antonio Lavaredo, que recebe do Tesouro Nacional 300.000, 400.000 reais por mês, pra fazer essas pesquisas por telefone de São Paulo, do Rio. Ele e o sociologo que coordenou a campanha do Fernando Henrique! É evidente que esse senhor não quis ir para nenhum cargo do governo pra ganhar 5.000, 6.000 reais por mês: "Não, eu continuo com a minha empresinha aqui e, quando vocês precisarem de algum servicinho, eu cobro só 300.000".

Sérgio de Souza - **Mas, tirando a pesquisa, julgado no mérito mesmo o caso das invasões de prédios públicos, o que você tem a dizer?**

João Pedro Stedile - No mérito, é o seguinte: o Movimento está negociando com o governo desde março, abril. Várias negociações: com o diretor do Banco do Brasil, doutor Conceição; com o secretário executivo do Ministério da Agricultura, com o Jungmann. Todos eles olham a nossa pauta e dizem: "Muito interessante, de fato a agricultura está empobrecendo, as demandas de vocês são justas, mas não é conosco, é com a política econômica, é com o Ministério da Fazenda, é com o Pedro Parente". Então, nos deram a dica de onde é o centro do poder do país, e tomamos a decisão de, em todas as capitais, pressionar o Ministério da Fazenda, que é o núcleo central desse governo. Agora, qual foi a nossa orientação? Fazer vigílias, entrar nos prédios, mas não pegar um alfinete, manter a integridade dos funcionários, do prédio, porque aquilo lá é nosso, não é do governo. Houve dois incidentes: um aqui em São Paulo, que quebrou um vidro por um vácuo de ar, como os próprios funcionários disseram; e dois vidros foram quebrados em Cuiabá. Esse foi o prejuízo que houve dessas ocupações. Depredação maior á a política do governo que a *Folha de S. Paulo* revelou af: só o Banco Central teve um prejuízo de 9 bilhões e 700 milhões de reais no Proer, de ajuda aos bancos. Então, de novo, lanço um desafio para o Fernando Henrique: paramos de criticá-lo e ele passa aquele prejuizo de 9 bilhões para a reforma agrária, e estamos quites.

Sérgio de Souza - **É legal a ação de ocupar um prédio público?**

João Pedro Stedile - É legal e é urna manifestação legítima, uma forma de pressionar o governo. No Brasil, sempre houve, a novidade é a seguinte: quando ocupávamos a Secretaria da Agricultura, ou o Incra, ninguém dava bola. Agora, quando ocupamos o centre do poder, eles dizem: "Ah, não pode". O governo reagiu porque acertamos na mosca. Mas é próprio da democracia que as pessoas se manifestem e usem mecanismos de pressão. Se só carta resolvesse o problema, escreveríamos uma carta pro Fernando Henrique e ele atenderia...

Luiz Sergio Modesto - **Mas tem atitudes ilegais, tem aí prejuízo de danos, tem cárcere privado...**

João Pedro Stedile - Não é verdade. Nunca fizemos cárcere privado de ninguém. Isso é propaganda do governo. Quando ocupamos o Incra, dissemos pros funcionários: "Fiquem ai, porque se depois começar a desaparecer papel, computador, vão dizer que fomos nós". E mesmo porque, é obrigação deles ficar, mas nunca fizemos ninguém de refém. Se eles não ficam, com quem vamos negociar? Veja a estupidez, você diz: "Todo mundo pra fora". E daf? Vamos fazer o que com o prédio? Ficar morando lá? O governo foi habilíssimo e pra isso tem tanta assessoria, tentou criminalizar uma pressão social que, do nosso ponto de vista, é legal, legítima, justa. A mesma coisa eles faziam lá no início, quando ocupávamos terra. Hoje, a população tem consciência: qual a solução pro latifúndio ser distribuído senão ocupá-lo? Então, a população já aceita tranqüilamente a ocupação de latifúndios. Agora, imaginem quando os operarios fazem uma greve e ficam dentro da fábrica. Af são reféns também?

Luiz Sergio Modesto - **Em cima dessa questão: o imaginário popular está cheio daquelas fotos que a imprensa vive dando - um cidadão tacando a bota. O MST não tem preocupação com a imagem dessas invasões de prédios públicos?**

João Pedro Stedile - Quem lida com o povo sabe que as manifestações não são teatro, não é um negócio combinado: "Ó, pessoal, agora todo mundo vai de camisinha bem passada! Ó, é proibido ir de havaiana porque pega mal!" Entendeu? As manifestações populares são parte da vida do povo. É claro que a imprensa que está a serviço do governo vai procurar aquela cena. Agora, imagine quantas cenas poderíamos utilizar da mesma maneira das nossas favelas, dos nossos acampamentos. Por que a *Veja* não vai tirar fotos dos enterros das nossas crianças? São muito simpáticos aqueles caixõezinhos brancos, ou no Nordeste, onde nem a caixão as pessoas têm direito, tem de ser enterrados dentro da rede. Nunca vi na *Veja* a foto de crianças que são enterradas em rede porque não há dinheiro para comprar um caixão, e a prefeitura não dá. Algumas prefeituras no Nordeste já são mais democráticas, elas emprestam o caixão: usa e depois devolve...

Verena Glass - **Como vocês estão trabalhando a imagem do MST na imprensa?**

João Pedro Stedile - O Movimento não tem nenhuma assessoria de imprensa e não tem nenhuma preocupação em dizer: "Agora vamos cuidar da nossa imagem". Não existe isso.

Verena Glass - **Por quê?**

João Pedro Stedile - Porque achamos que o que nos salva é Deus e a realidade.

Luiz Sergio Modesto - **Mas é ingênuo.**

João Pedro Stedile - Ingênuo é achar isso. Você acha que se eu falar abobrinha - "Ai, a reforma agrária do Fernando Henrique é um paraíso, nunca um governo desapropriou tanto, eu adoro o Jungmann porque além de tudo ele ja foi do Partidão" - a burguesia é muito mais viva, não gosta nem de puxa-saco, ela bate na gente porque temos um projeto político contrário. Então, não adianta eu pintar de cor-de-rosa o meu projetinho! É o que nos salva, além de Deus? A realidade é que determina as contradições na sociedade. Coitados desses borra-botas de jornalistas da *Veja* que ficam puxando o saco do governo! Não é a *Veja* que determina a realidade do povo brasileiro! O que determina a história é como a sociedade organiza a produção e como os homens se relacionam com ela! É claro que a *Veja* influencia na classe média, aquele 1 milhão de leitores que são assinantes...

José Arbx Jr. - **Na minha opinião, está havendo uma articulação específica que não se restringe à *Veja* - a *Folha de S. Paulo*, que costuma se travestir de democrata - está numa campanha sistemática contra o MST; o *Estadão*, idem. Eu ouvi na Eldorado um jornalista, locutor da rádio, falando que a polícia tem de colocar o MST no seu devido lugar, na CBN ouvi comentários semelhantes. Está havendo uma orquestração da mídia no sentido de gerar um consenso nacional contra o MST, e isso faz parte de uma estratégia mais geral de sustentação do aparelho do Estado, que está ameaçado de se despedaçar. Vocês fazem essa avaliação, o MST sente que estamos vivendo um momento específico de endurecimento do qual a mídia faz parte?**

João Pedro Stedile - Temos essa compreensão, essa avaliação de que o Palácio do Planalto está operando com maior precisão na articulação de órgãos de imprensa sobre os quais ele tem mais controle e de jornalistas individualmente. Muitos colonistas tidos como progressistas se manifestaram de maneira incorreta nas últimas semanas e isso aconteceu em outros momentos da história do Brasil e mesmo do atual governo. Mas nossa leitura é o contrário, em vez de demonstrar fortaleza do governo, isso é uma demonstração de fragilidade, demonstra que ele sabe que a insatisfação popular é crescente e não tem mais mecanismos da política econômica para poder contra-arrestar a gravidade do problema social. Mas o problema não é só o MST. O problema são os pobres, e o processo de exclusão social. Então, a posição nossa não é simplesmente ficar se insurgindo contra essa imprensa servil. Não estamos preocupados nesse sentido. A nossa

preocupação maior é continuar a pregação de que os problemas da sociedade brasileira são graves, mostrar que ela está numa encruzilhada, como advertiu Celso Furtado. O que está em jogo agora é, inclusive, a nação. Porque, se esses loucos continuarem aprofundando esse modelo econômico, se num próximo mandato, como sonha o Fernando Henrique, chegarmos ao absurdo de manter essa mesma correlação de forças e eles conseguirem, por exemplo, dolarizar a economia e botar o país no Alca, acaba o Brasil como nação independente, vamos virar uma colônia dos Estados Unidos. Isso é uma reflexão do Celso Furtado, não é agitação do João Pedro. E achamos que, para enfrentar esses problemas, é preciso que haja um grande debate nacional e uma reativação do movimento de massas, para que a população na rua exija mudanças na política econômica e debata um projeto alternativo para o Brasil. Marina Amaral - **Voltando a falar sobre o descenso nos movimentos sociais, tenho a impressão de que índio se manifestar e haver o impacto que aconteceu este ano é coisa rara. O aumento da repressão também está ligado ao fato de haver mais manifestações de rua. No Rio de Janeiro, o Conde tentou proibir as passeatas, no dia seguinte o trânsito estava parado, fizeram passeata na cidade inteira. A gente vê essa coisa na Paulista, vê estudantes se mobilizando, funcionários públicos, professores, você não sente que, apesar de ser um momento de descenso, parece que as pessoas estão começando a reagir e ir pra rua, outros movimentos sociais?**

João Pedro Stedile - Os acontecimentos das últimas semanas, de fato, revelam que há focos de manifestação importantes, mas ainda não se tem certeza se esses focos serão suficientes para reanimar o movimento de massas como um todo no Brasil. Não temos os elementos suficientes para dizer que terminou o refluxo e que o movimento de massas, como aconteceu em outros períodos da história, já está reascendendo. Mas estamos convencidos de que muito breve vai reascender. E o que nos dá certeza disso é que nem o governo Fernando Henrique tem coragem de reprimir massivamente, embora esteja tentando, mas principalmente porque o modelo econômico dele não está dando certo.

Sérgio de Souza - **O ânimo dentro do MST também entrou em descenso?**

João Pedro Stedile - Não, somos alvo da repressão porque ao longo desses quinze anos nunca arriamos a bandeira, por isso o Movimento cresce progressivamente. Sempre usamos como exemplo: antes do governo Fernando Henrique, a média de ocupações que fazíamos por ano era cem, 120. Do governo Fernando Henrique pra cá, aumentamos a média pra quatrocentas, quinhentas ocupações por ano. O maior fomentador do MST é o governo Fernando Henrique Cardoso. *(risos)* Quando ele sair do governo, tomara que seja rápido, vamos dar uma medalha pra ele. *(risos)* Porque, na verdade, a política do governo cria os pobres do campo, cada vez mais. A nossa missão é apenas ir lá e organizá-los.

Sérgio Pinto de Almeida - **Quais são as entidades no exterior que acompanham atentamente o Movimento? Alguns dias atrás, esteve aqui na redação uma jornalista inglesa que está fazendo uma matéria sobre o MST e disse estar espantada como a imprensa brasileira acompanha mal o Movimento, que ela considera uma coisa inédita no mundo.**

João Pedro Stedile - Temos vários indicadores do grau de aceitação do Movimento no exterior. Um deles: recebemos em torno de 200 convites por ano para viagens e missões em todos os países do mundo, Japão, Indonésia, Timor Leste, Austrália, Israel...

Sérgio Pinto de Almeida - **Que tipo de convite?**

João Pedro Stedile - De entidades sociais em geral, ONG, partidos progressistas, parlamento, personalidades, Saramago...

Sérgio Pinto de Almeida - **Tudo dirigido especialmente ao Stedile?**

João Pedro Stedile - Não, os duzentos para o Movimento. Inclusive temos uma espécie de norma entre nós: ninguém viaja mais que uma vez por ano pro exterior, por mais que digam, "Tem de ser o Rainha, tem de ser o Stedile". Então, temos um processo de multiplicação de militantes que viajam para o exterior, porque, para nós, a viagem ao exterior é uma formação intelectual. E quem decide quem vai somos nós, não quem convida. Então, pegamos um companheiro que mora lá em Parauapebas e ele fica um mês na França contando como foi o massacre e o processo de Eldorado dos Carajás, do qual ele foi um dos sobreviventes. Esse é um indicador. Outro indicador: pedido de editoras para publicar livros sobre o Movimento. Tem livros traduzidos para o italiano, alemão, inglês, espanhol. A imprensa em geral também. De maneira que a impressão que temos é de que a nossa fama no exterior é muito boa. O Fernando Henrique se queixa muito. Cada vez que ele vai pro exterior, sempre tem uma turminha perguntando sobre o MST. *(risos)* Aliás, numa das audiências conosco, ele disse: "Temos que acertar aqui entre nós". Foi a única coisa que ele nos pediu, justiça seja feita, Fernando Henrique nunca pediu: "Parem de ocupar terra". Nunca teve coragem de falar isso em audiência. A única coisa que ele nos pediu foi: "Temos que acertar entre nós, eu queria pedir uma coisa pra vocês". "Sim, qual é o assunto?" "Parem de falar mal do meu governo no exterior! Porque aí não sou eu, é a imagem do Brasil no exterior. Estou cansado de ir para o exterior e encontrar manifestações de direitos humanos. Isso afeta a credibilidade do Brasil."

Sérgio de Souza - **Quando foi isso?**

João Pedro Stedile - Numa das últimas audiências que teve conosco, ano passado.

Sérgio de Souza - **Você estava junto?**

João Pedro Stedile - Sim, estava junto. Ele falou isso. Inclusive disse: "Olha, se vocês quiserem, podemos ajudar, quem sabe fazemos um programa para colocar os produtos de vocês na Europa". Aí nós demos risada.

Sérgio Pinto de Almeida - **Que entidades financiam o MST?**

João Pedro Stedile - Muitas entidades do exterior. Todo mundo que lida com esse tipo de entidade sabe qual é o procedimento, que não é "alguém te dá um dinheiro e tal" - é um projeto de atividades específico que, obviamente, deve casar com algum tipo de missão deles. Por exemplo, temos um projeto que se chama Projeto de Defesa dos Direitos Humanos. Então, precisamos de recursos para ter um advogado acompanhando o caso de Carajás, para acompanhar outro caso qualquer. Outro exemplo: temos um projeto na Comunidade Econômica Européia. É claro que tem de ter toda uma gestão, então os deputados de esquerda no parlamento apresentam o projeto, tem interesse. As entidades gostam muito, mais um exemplo, de apoiar projetos de educação, construir uma escola em tal assentamento, financiar alfabetização em tal lugar, treinamento de monitores.

Marina Amaral - **De agricultura, tem alguma entidade?**

João Pedro Stedile - Não, de agricultura, muitas querem, mas não queremos.

Marina Amaral - **Por quê?**

João Pedro Stedile - Porque havia uma tradição assistencialista, sobretudo da igreja Católica. "Ah, tá! Um assentamento. Toma aqui um trator". Imagine o que acontece objetivamente. Já fizemos essa experiência, aprendemos com nossos próprios erros. Então vem a Caritas, da Alemanha, dá um trator para um grupo de 20 famílias no assentamento de Promissão, que tem seiscentas famílias assentadas. Os outros 580: "E eu? De onde que vem esse trator?" Ai, o dia em que alguém esquece o trator lá fora, vai um lá, pega o trator e diz: "Isso aqui é dado mesmo...". Então, a nossa política é: agricultura, trator, crédito, é aqui com o governo, o responsável é o Estado

brasileiro. Não queremos o peixe, queremos aprender a pescar. Recursos para formação técnica, formação de monitores, ótimo, é isso o que precisamos. Trator, não, trator pegamos do governo.

Mylton Severiano - **Essas aulas que a Unicamp vem dando com militantes, como funciona isso?**

João Pedro Stedile - Fizemos uma espécie de convênio com a reitoria: nos períodos de férias, em que a universidade está mais ociosa, eles cedem as instalações e montamos um curso sobre realidade brasileira, de dez dias, e trazemos jovens, a maioria, 90 por cento deles de primário incompleto. Fizemos um currículo da realidade brasileira, desde a formação étnica até temas mais conjunturais, o Arbex foi lá falar do papel da mídia na sociedade brasileira, para cada tema fizemos uma espécie de parceria, se eles tem algum professor, eles botam, em outros temas eles dizem: "Nesse aqui não temos professor". Então vamos buscar em outras universidades e aí montamos esse pacotinho. Já fizemos duas etapas do curso com 1.100 jovens e os resultados são extremamente positivos, é impressionante o resultado para a formação deles, para a dignidade deles. A maioria não conhecia universidade, nunca ouviu falar, não sabe como é. Então, não deixamos tempo livre pro cara não pensar bobagem, né? Porque a ociosidade é a mãe dos vícios. *(risos)* O cara levanta as 6 horas e vai dormir as 11 da noite, silêncio absoluto, senão, no outro dia, não aprende nada. E as noites usamos para atividades culturais. Uma noite, a Orquestra Sinfônica da Unicamp vai lá e faz uma apresentação de música clássica. Eles não sabem o que é música clássica! Aí, o maestro explica a função dos instrumentos na orquestra, quer dizer, é uma aula de música, e para a formação das pessoas, queremos formar pessoas dignas, que possam pensar por sua própria cabeça. Numa outra noite vem a Orquestra dos Violleiros de São José dos Campos, que a burguesia não dá bola pra eles. Numa outra ainda, levamos o professor de viola da Unicamp, Ivan Vilela, grande amigo nosso, vai lá e explica como surgiu a viola, que é uma mescla da cultura portuguesa com o caipira mineiro, qual é o som, a diferença do violão, aí toca umas modinhas.

José Arbex Jr. - **De um lado, o MST esta formando milhares de quadros que, apesar de formalmente estarem no primário, discutem política externa brasileira, FMI, Banco Mundial, estratégias de emancipação nacional etc. De outro lado, o governo está destacando o MST como alvo preferencial de repressão porque está se constituindo num exemplo político, para a nação, que transcende a luta pela reforma agrária. É um exemplo político de organização, um exemplo político de cultura, de organização de consciência, de luta pela emancipação nacional etc. Só que, contrastando com isso, se recusa a discutir a construção de um partido, ou a adoção de candidatos para as eleições, a fim de se constituir em uma alternativa de poder. Quer dizer, o que o MST vai fazer com a questão do poder, no sentido mais amplo?**

João Pedro Stedile - As discussões que temos feito é que: primeiro, quem politizou a questão da reforma agrária foram as elites, porque elas não querem fazer uma reforma agrária nem no sentido clássico, a que a burguesia fez no início do século. Então, todas as pessoas que lutarem por terra, por reforma agrária no Brasil, automaticamente enfrentam o poder, enfrentam as elites. Por isso, não nos acusem de usar a reforma agrária para a questão política. É o contrário, a reforma agrária foi transformada em questão política pelas elites, ao se recusarem a resolver o problema concreto da falta de terra, do trabalho e da pobreza do campo. Temos consciência de que essa encruzilhada em que o país está metido só vai se resolver no dia em que o povo brasileiro construir uma unidade suficiente de objetivos entre as várias forças políticas e sociais e se implantar no Brasil um projeto do tipo popular. Não estou falando de socialismo, estou falando de um projeto popular. Que significa reorganizar a economia, para resolver os

problemas fundamentais do nosso povo, que hoje são: trabalho, porque 20 por cento da população não tem trabalho e o sujeito que não tem trabalho começa a virar macaco de novo, se o sujeito não tem o direito de trabalhar, se degrada humanamente. Então, tem de garantir o trabalho de todos, todo mundo deve ter uma casa digna, uma mesa farta - que os animais conseguem e o homem brasileiro ainda não, são 32 milhões que passam fome. Todo mundo tem de ter direito a educação em todos os níveis, não só aprender a desenhar o nome, pra votar no PFL, e tem de ter terra. Agora, como construir um projeto popular? Evidentemente que não vai ser o MST e muito menos seria o MST querer virar um partido político pra propagandear o projeto popular. Temos absoluta convicção de que é preciso criar uma unidade maior dessas forças, que junte partidos, movimentos sociais. E, para isso, estamos fazendo uma espécie de movimento político na chamada "consulta popular", que é um espaço político, não é um novo partido, nem um novo movimento burocrático, mas é, como definimos, uma espécie de espaço para que os militantes originários do MST, da Central de Movimentos Populares, dos partidos políticos, das igrejas...

Sérgio Pinto de Almeida - **Um fórum.**

João Pedro Stedile - Um fórum onde as pessoas possam ter espaço para debater como construir esse projeto popular. E achamos que esse processo de construção de projeto popular é mais do que fundar um partido ou redigir um programa para o Brasil - tudo isso foi tentado e foi insuficiente para mudar o Brasil. Achamos que esse projeto popular vai ser construído num longo processo histórico - também não temos ilusão de que amanhã vamos conseguir -, vai ser construído casando alguns fatores complementares: primeiro, imbuir os militantes desses vários segmentos sociais de que é preciso conhecer a realidade brasileira. Se não conhecermos a fundo nossa realidade, estamos fritos. E, para conhecer essa realidade, temos de saber interpretá-la, o que está acontecendo, mas também recuperar os velhos pensadores do povo brasileiro que a burguesia esqueceu. Temos grandes pensadores da nossa sociedade, como foram Florestan Fernandes, Paulo Freire, Caio Prado Júnior, Josué de Castro, os que estão ainda vivos, graças a Deus: Celso Furtado, Milton Santos. Abro parenteses para registrar uma indignação: dia 2 de maio, recebi um convite da dona Rita para uma missa em homenagem ao aniversário de Paulo Freire na igreja dos dominicanos - sabe quantas pessoas tinha na missa de homenagem ao maior pensador contemporâneo que tivemos, com cem títulos de *honoris causa* em universidades do mundo inteiro? Dezenove pessoas. E, além dos padres, eu era o único homem. Isso é uma vergonha para a nossa sociedade, para essa classe média paulistana que fica aí resmungando com ocupação de prédio público. Não sabe nem valorizar os verdadeiros patrimônios que o povo tem. Bem, então temos de recuperar esses pensadores que interpretaram a realidade e nos ajudaram. Esse é o primeiro fator.

Segundo fator: nada se muda neste Brasil, na história da humanidade, sem grandes mobilizações de massa. Não adianta o partidinho lá todo arrumadinho, ideologicamente correto, as cartilhinhas, isso tudo não funcionou. Todas as mudanças na sociedade só aconteceram com mobilizações de massa. E é isso que temos de projetar e dizer pro povo: "A força está contigo e vá pra rua!"

José Arbex Jr. - **E como está a consulta popular hoje?**

João Pedro Stedile - Está funcionando, quer dizer, é um processo. O que temos de fazer é estimular as pessoas a lutar. Quando alguém luta, está construindo o projeto popular. E é isso que estamos fazendo, vocês acompanharam a Marcha Popular no ano passado, foi o exercício pedagógico de massas para mostrar para o povo que é possível fazer política de outra maneira. Por mais que não tenha repercutido na grande imprensa, passamos por mais de cem cidades, falamos com milhares de pessoas e as pessoas não esquecem mais quando enxergam o exemplo - que é um provérbio oriental que propagandamos na nossa base: os olhos enxergam mil vezes mais do que os ouvidos, ou seja, as pessoas não se conscientizam só por um estupro no ouvido: nhé, nhé, nhé, nhé, (*risos*) isso enche o saco. As pessoas aderem a projetos enxergando pelo exemplo: "Ah, vale a pena, então eu vou".

Verena Glass - **Acho que o trabalho do MST é parecido com o de Chiapas, em termos de organização popular; ao mesmo tempo, a gente vê grandes manifestações como Seattle, como na Suíça, em que, sem as grandes lideranças políticas, a coisa está acontecendo. São dois movimentos que norteiam um outro tipo de pensamento em nível mundial. Você acha que está havendo o nascimento de uma outra postura política, digamos de esquerda, que não depende das grandes cartilhas, de pensadores políticos como Marx, que cresce de baixo, que as diretrizes batem nas pessoas que estão diretamente envolvidas?**

João Pedro Stedile - Na nossa avaliação, há uma crise de articulações internacionais, uma crise nas elites. Todos os organismos de governo estão desmoralizados. Alguém acredita na ONU? Alguém acredita no FMI? Alguém acredita na OMC? Ninguém acredita. Há uma crise também nas organizações tradicionais de esquerda. Aquelas centrais sindicais mundiais, o que é a AFL-CIO (*American Federation of Labor - Congress of Industrial Organization*)? Ninguém dá bola, é um bando de pelegos reunidos para viajar internacionalmente. As internacionais de partido também, ninguém dá bola. Então, concordo contigo, a gente sente que está começando a haver sintomas da crise dessas formas tradicionais de articulação internacional. Não se sabe ainda qual é a tendência que vai pegar dessas articulações, que são fruto, de fato, de lutas concretas que acontecem, seja nos países, seja em nível internacional. E, nesse sentido, o que aconteceu em Seattle, em Washington e vai acontecer em outros lugares, acho que é um prenúncio dessas novas formas de articulação internacional. Por exemplo, estamos mais empenhados, até pela nossa especialidade, em construir uma articulação internacional com os

movimentos camponeses, que é a chamada Via Campesina. Já fizemos uma reunião internacional no México há uns dois, três anos, e agora em outubro vamos fazer na Índia, aonde vão camponeses de 87 países do mundo. E, nessas relações que temos com os outros movimentos camponeses, o que deixa todo mundo embasbacado é que os problemas têm a mesma natureza, os inimigos são os mesmos. O mundo ficou pequeno por causa da hegemonia capitalista norte-americana, que acabou unindo todos os pobres contra eles.

Mylon Severiano - **Eu li que você e o Gilmar Mauro se recusaram a ir ao programa do Boris Casoy alegando que ele é contra o MST. Isso não foi excesso, digamos, de sectarismo, perder um palanque de uma hora e ao mesmo tempo se confrontar com quem seria contra o MST?**

João Pedro Stedile - Fizemos uma discussão na direção e ela foi praticamente unânime em rejeitar o convite. E fez a seguinte avaliação, naquela teoria da pedagogia do exemplo: temos de reconstruir relações com dignidade humana, não podemos ficar passíveis com um sujeito que na quinta-feira te chama de ladrão e no sábado: "Vem cá almoçar comigo, bem". Queremos construir uma outra sociedade, baseada em outros tipos de valores. Então, mandamos uma carta à direção da Record explicando por que não fãmos, por uma questão de dignidade humana, só isso. Qual foi a reação? A comunidade de vocês, jornalistas, disse: "Ah, vocês são burros, deveriam ter ido lá e ter dito em público". Já os amigos de outras comunidades, de outros setores da sociedade, nos elogiaram por essa franqueza.

Mylon Severiano - **E na carta vocês fizeram essas considerações?**

João Pedro Stedile - Exatamente, não podemos ir, compactuar. Não é só questão de tática jornalística, não é só uma questão de espaço, não estamos disputando espaço com ninguém. Queremos construir uma sociedade com outros valores e achamos que esses outros valores ou você constrói no dia-a-dia com exemplos ou estamos só fazendo um joguinho de poder. Então, o mais vivo vai ganhar, "vamos ver quem passa a perna primeiro no outro" - estamos fora dessa.

Luiz Sérgio Modesto - **Você falou dos indicadores externos de aceitação do Movimento. Não falou sobre os internos. Falou também do financiamento externo, das organizações. Fora a Igreja, aqui no Brasil, quem contribui com o MST?**

João Pedro Stedile - Indicadores: são muitos os termômetros que temos para ver se estamos acertando ou errando. Sobretudo, as figuras que são mais conhecidas. Então aqui entre os anônimos: eu percebo andando na rua - como já sou uma figura mais ou menos conhecida, as pessoas reagem, comentam. No interior é a mesma coisa, imediatamente a cidade interage com o cara que está assentado, ou que está acampado, comentando o que sai na televisão: "Ô, sacanagem o que a Globo está fazendo com vocês". O povo fala, e a nossa turma escuta.

Luiz Sérgio Modesto - **Mas institucionalmente.**

João Pedro Stedile - Institucionalmente, de várias formas. Estamos convencidos: nunca a sociedade brasileira nos apoiou tanto como agora. Vou dar dois exemplos: estive agora no acampamento lá de Campos, uma usina falida, usina de Cambaíba, que os companheiros ocuparam há dois meses. A maioria deles ex-assalariados, ex-

cortadores de cana, que a usina foi a falência. Perguntei para eles: "O governo já está mandando cesta básica?" "Não." "O prefeito está mandando?" "Não." "E a alimentação?" Porque se vê, pelas barracas e pelo tamanho do prato que eles te dão de meio-dia, que a coisa está apertada. "E a comida de vocês de onde está vindo?" Acampamento com quinhentas famílias. "Da cidade." Da sociedade, tudo doação. Campos é uma das cidades mais conservadoras do Brasil...

Wagner Nabuco - **Historicamente.**

João Pedro Stedile - Historicamente, é o núcleo central da TFP. Quer indicador melhor? Se a sociedade não apoiasse aquele acampamento... Outro indicador, que é simbólico: estão lá os quinhentos acampamentos na beira da estrada, os carros passam, todos se manifestam, um buzina, os caminhoneiros: "É isso aí, vamos lá, sem-terra!" Se a sociedade fosse contra: "Vão trabalhar, vagabundos!"

Luiz Sergio Modesto - **Stedile, e os financiadores internos?**

João Pedro Stedile - Financiadores internos, qual é o segredo que vivemos repetindo? Tudo é descentralizado, para cada atividade no município você tem de buscar o apoio lá mesmo. Porque isso é da lógica política: você não pode dar o passo maior do que a perna. Agora, qual é a tua perna? Não é só a do sem-terra, é da correlação de forças da sociedade. Se você planeja vir com três ônibus lá do Pontal, não é porque a direção pediu três ônibus do Pontal e não cinco. Por que vêm cinco, oito ônibus do Pontal? Porque os companheiros quando decidem, "vamos pra São Paulo brigar com o Covas", eles vão falar com o prefeito: "Prefeito, nós estamos pensando em ir pra São Paulo e queremos sua ajuda". Aí, se o prefeito apoia muito, ele dá dois ônibus, se apóia pouco: "Não, não dou". Entendeu? Na verdade, quem ajuda, na prática, são as várias forças organizadas da sociedade.

Luiz Sergio Modesto - **Mas aí é casual, eu digo...**

João Pedro Stedile - Mas tudo do Movimento é assim. Por exemplo, o curso da Unicamp, 1.100 jovens do Brasil inteiro, como é que eles chegaram até lá? Cada um no seu Estado foi atrás de pedir ônibus, em algum lugar, na prefeitura, "não, aqui o prefeito é reacionário", um falou com o bispo, na outra não sei quem, na outra é um vereador que deu um dinheirinho. Bom, e a comida lá pro restaurante? O acordo é que temos de trazer arroz e feijão, então a cooperativa de Charqueadas tem arroz sobrando, diz: "Arroz nós mandamos". E mandou um caminhão de arroz. E você vai pagar lá pra Charqueadas? Não paga. São outros mecanismos. Se você for olhar, não tem uma contabilidade do custo do curso da Unicamp. Se for somar, dias de aula do professor, diária, não sei o que, custa milhões, então a *Folha* levanta lá: "Curso da Unicamp custou 5 milhões de reais. Quem pagou? O contribuinte paulista". É uma besteira!

Luiz Sergio Modesto - **Mas é obrigação da Universidade, de qualquer forma.**

João Pedro Stedile - Obrigação, mas, se for ver materialmente, o curso se realizou. Agora, de onde vieram os recursos? De forma tão pulverizada que não entrou dinheiro, mas ao mesmo tempo a atividade se realizou. É assim que funciona tudo no Movimento.

Sérgio de Souza - **A UDR estaria realmente se armando para defender as propriedades dos fazendeiros, há algum dado novo nessa história?**

João Pedro Stedile - A UDR é um blefe. Ela já foi forte, na época do Ronaldo Caiado, que conseguiu de fato aglutinar o setor dos fazendeiros mais truculentos. Em 1986, af eles eram uma força política, mas como organização social dos fazendeiros a UDR cometeu dois erros trágicos. Primeiro, do ponto de vista ideológico: eles começaram a fazer uma campanha contra a Igreja Católica, e no meio rural 110 por cento são cristãos. Falar mal de padre pra camponês, está ferrado ideologicamente. E o segundo erro: como passaram para a violência direta, acabaram matando figuras públicas, o enterro deles politicamente foi quando mataram Chico Mendes - foram fazendeiros ligados a UDR, a morte foi tramada em Rio Branco, está nos autos dos processos. E, quando mataram o padre Josimo. Essas duas figuras já eram conhecidas, isso indignou a sociedade e a UDR passou a ser sinônimo de assassinato, aí acabou politicamente. Um terceiro erro foi o Caiado se candidatar a presidente da República, aí a sociedade delimitou o peso que ele tinha: 300.000 votos. Ponto. Acabou.

Mylton Severiano - **E a Confederação Nacional de Agricultura?**

João Pedro Stedile - Essa tem força política e representa os fazendeiros. Duvido que a UDR tenha mais de cem associados. E do ponto de vista ideológico é uma aberração. É uma seita de meia dúzia de burros. (*risos*)

Mylton Severiano - **E qual é a posição da Sociedade Rural Brasileira?**

João Pedro Stedile - Ela representa o empresariado mais moderno, é contra o latifúndio improdutivo. Então, contra os pecuaristas, os gígolôs de vaca, né? "Nós não somos aqueles", eles dizem. São produtores de café, por exemplo, o Luiz Haffers tem duas fazendas altamente tecnificadas de café, não precisa dizer pra ele que a fazenda nunca vai ser ocupada, não somos burros. Todos os empresários modernos, que respeitam os trabalhadores, evidentemente são respeitados pela sociedade, não só pelo sem-terra, porque cumprem uma função social. Agora, aquele pecuarista insensível que tem uma fazenda lá em Água Preta e mora nos Jardins, você acha que a cidade de Água Preta vai defender esse homem? Estão torcendo: "Quando é que vocês vão ocupar?" É assim que acontece. A cidade nem conhece o dono.

Sérgio de Souza - **Por que o Paraná é o Estado líder na violência contra o MST?**

João Pedro Stedile - Tem uma explicação. No primeiro governo do Lerner, não tivemos maiores problemas. Por quê? Porque o Lerner é arquiteto, entende de problemas urbanos, cuidou da cidade. No meio rural, havia uma superintendente do Inkra muito capaz, dona Maria de Oliveira, e ela desencadeou um amplo processo de reforma agrária. Cumpriu o papel do Inkra, fazer vistoria, assentar, não houve despejos violentos, porque o Inkra fazia as desapropriações.

Sérgio Pinto de Almeida - **Cumpriu sua função.**

João Pedro Stedile - Sim. Mas, que aconteceu? No segundo turno para reeleição, o Lerner percebeu que ia perder pro Requião, que tinha uma ampla base no interior. Para derrotar o Requião, Lerner se aliou à UDR, mais que a UDR, aquela oligarquia mais atrasada, que vem da época do Lupion. Fez essa aliança tática e de fato conseguiu derrotar o Requião. Vencida a eleição, o que o setor mais atrasado, do Lupion e da oligarquia rural, pediu pro Lerner? "Me dê a Secretaria de Segurança Pública." Ganharam a Secretaria de Segurança e a transformaram no braço armado do latifúndio. Começaram a fazer tudo quanto é coisa da vontade dos fazendeiros, desrespeitando completamente a lei. E trataram de afastar aquela superintendente do Inkra, colocando lá um preposto que não fez absolutamente nada. Ora, se o Inkra não

faz nada, a pobreza no campo vai aumentando. Hoje, no Paraná, temos 8.000 famílias acampadas. Tem de ter alguma solução, não é só ficar despejando. Despeja e bota onde? Tem de ter uma solução, e o Lerner se transformou em refém dessa truculência. Somou-se a isso o fato de, mais recentemente, o governo dele ter afundado na podridão. Não so a polícia com toda a truculência que vocês revelaram (*CarosAmigos* 27), mas o que veio à tona mais recentemente é que há uma corrupção em que a própria reeleição dele está sob suspeita - os promotores públicos detectaram que o prefeito de Londrina teria desviado de 30 a 100 milhões de reais, parte desse dinheiro, está comprovado, foi pra caixinha da campanha do Lerner, que em troca botou de vice-governadora quem? A mulher do prefeito. O Bellinatti. Então, o governo dele está cagado! (*risos*) A contradição é esta: o Lerner sonhava em ser o candidato do PFL.

José Arbex Jr. - **Fazendo o advogado do diabo: o MST não estaria na contramão da história, quando se vê que, dentro da União Européia, por exemplo, o principal embate com os Estados Unidos se dá no campo da agricultura, que está cada vez mais mecanizada, buscando mais produtividade, mesmo em terras de menor extensão? Quer dizer, o MST, falando em reforma agrária em pequenos assentamentos, não está negando um dado da realidade que é a globalização? Não seria quixotesca a luta do MST quando luta contra o modelo da *farm* americana, num país com esta extensão territorial, para competir no mercado globalizado?**

João Pedro Stedile - Essa mesma tese a *Folha de S. Paulo* defendeu, é a tese do grande capital. Claro. Quem quer fazer uma agricultura de alto lucro, e apenas lucro, não tem coisa melhor do que, em vez de cem, ter só três empregados, trator etc. Nossa análise tem de ser do ponto de vista da realidade brasileira e das necessidades do povo. Temos no meio rural 23 milhões de habitantes, a maioria no 3º ano primário. Como esse povo vai ter um progresso econômico, mais bem-estar e uma vida feliz? Essa é a resposta que precisa, não se o mundo está globalizado ou não está globalizado. São 32 milhões de pessoas que passam fome todos os dias e outros 33 milhões que se alimentam aquém das necessidades. O modelo *farm* não deu comida pra eles e nem vai dar, então o que advogamos? Que é preciso reconstruir outro modelo agrícola, voltado para a pessoa humana. Não para o lucro. Que garanta, em primeiro lugar, comida na mesa de todo brasileiro.

Mylton Severiano - **Existe esse modelo diferente do americano?**

João Pedro Stedile - Existe. A Europa é organizada assim, Israel nos seus *kibutzin*... Bom, e temos o problema do emprego. A agricultura talvez seja a grande saída do Brasil para garantir trabalho pra todo mundo, porque com fábrica de automóvel, com fábrica de computador é que você não vai dar emprego pra todo mundo. Então, que sociedade moderna é essa que diz que só alguns vão poder trabalhar e os outros estão fora? Isso é modernidade? Isso é o cúmulo do atraso. E achamos que o Brasil tem uma vantagem comparativa, a de poder construir um modelo agrícola que case o setor moderno exportador com um outro setor que vai se modernizando, embora mais lento, mas que esteja voltado para o mercado interno, para garantir a alimentação e ao mesmo tempo vá incorporando as novas tecnologias, para produzir mais barato e em maior quantidade. Por exemplo, no modelo do governo Fernando Henrique, que é o americano, três grandes empresas agroindustriais controlam o mercado de laticínios: Parmalat, Nestlé, Leite Glória. Mas, para tomar leite, você precisa depender, num Brasil como esse, só de três em-

presas? Não. É possível ter leite bom, pausteurizado, longa vida, queijo, manteiga em pequenos laticínios instalados em cada município do Brasil, onde os proprietários, em vez de ser o grande capital internacional, sejam os próprios agricultores, ou seja, a tecnologia do laticínio não é patrimônio da Nestlé, da Parmalat. Ela está acessível a todo mundo.

José Arbex Jr. - **Você aceita um modelo capitalista então, não selvagem?**

João Pedro Stedile - O nosso problema não é capitalismo, o nosso debate é: queremos garantir comida, trabalho e bem-estar pra todo mundo. Esse é o debate que queremos fazer com a sociedade. E temos certeza de que é possível construir um outro modelo agrícola, em que o sujeito pode ter sua pequena propriedade, sua média propriedade e pode mecanizar suas atividades. Mas tem de levar a agroindústria para o interior, porque é isso que, inclusive, vai distribuir renda, vai homogeneizar o processo de desenvolvimento e vai segurar a população no meio rural. Se você leva a agroindústria para lá, o jovem que não quer mais pegar na enxada, com toda razão, ele vai ter emprego na agroindústria, vai ser o químico, o veterinário, o laboratorista, o funcionário lá da administração, enfim, vai ter emprego. Hoje, se um camponês consegue que o filho dele estude para qualquer profissão, o filho não vai voltar para o município de origem, que lá não tem trabalho. Aumenta sempre o processo de migração e concentração. O que queremos é justamente construir um modelo que distribua territorialmente a população e garanta uma vida saudável pra todo mundo.

Luiz Sergio Modesto - **Você falou do modelo americano, que é coerente com a teoria de dependência do Fernando Cardoso; o MST tem um modelo. Por que que não há diálogo, porque não há conversa?**

João Pedro Stedile - Porque o governo e as elites brasileiras abandonaram a idéia do projeto nacional.

Wagner Nabuco - **A idéia de nação acabou?**

João Pedro Stedile - Acabou. Eles aceitaram isso ao se subordinar ao capital financeiro. Só que essa subordinação está gerando uma contradição muito mais rápido do que eles imaginavam. Vou dar um exemplo pela política econômica: o governo, para agradar o capital internacional, jogou as taxas de juros lá em cima. Chegamos a ter taxa de juros, no governo Fernando Henrique, de 49,5 por cento ao ano, uma das mais altas do mundo. Mas não se deram conta de que, ao elevar essa taxa, para agradar o capital internacional, estavam elevando também toda a taxa de juro da economia brasileira. Quando o Fernando Henrique entrou no governo, a dívida interna era de 98 bilhões de reais, hoje é de 562 bilhões. Bom, mesmo que *mister* Fraga (*risos*) tenha conseguido baixar a taxa para 19,5, ela ainda é três vezes maior que o mercado internacional, que se assombrou agora quando os americanos mudaram de 6 para 6,5. Aplique 19,5 sobre 562 bilhões. São 100 bilhões de juros do orçamento. Por isso que falta dinheiro para a educação, para a saúde. Essa submissão ao capital internacional não foi só uma dependência política e ideológica, acabou inviabilizando internamente as próprias finanças públicas. O feitiço virou contra o feiticeiro muito rápido e é isso que nos dá esperança de que o povo brasileiro

descubra o grande blefe que foi o projeto neoliberal para o Brasil e consigamos então fazer um grande debate para recuperar um projeto nacional. Só que agora não cabe mais um projeto nacional do tipo nacionalista do Getúlio Vargas. Agora, necessariamente, tu terás que ter características populares, necessariamente voltado para as necessidades da população.

Luiz Sergio Modesto - **Mas, se esse projeto não for competitivo, isso não vai agravar as nossas dívidas?**

João Pedro Stedile - De jeito nenhum. Mesmo nessa fantasia da globalização, o mercado externo brasileiro pesa 8 por cento na nossa economia; 92 por cento das atividades econômicas brasileiras são voltadas para o mercado interno - só para os 15 por cento da população e o resto está fora. Mesmo na história do capitalismo, nenhuma nação industrial do chamado mundo desenvolvido de hoje se desenvolveu sem antes consolidar um grande mercado interno. Ou seja, até nisso nossa elite é burra, porque copiou mal. Ela fica dizendo que agora tem de desestatizar e desnacionalizar. Não existe política mais protecionista e mais nacionalista do que a política norte-americana e a política do Japão. Então, ela copia e copia mal.

José Arbex Jr. - **Aliás, a *farm* americana está contra a história americana. O New Deal foi justamente valorizar o pequeno produtor. A *farm* americana se volta contra as conquistas sociais dentro dos próprios Estados Unidos.**

João Pedro Stedile - E, mesmo do ponto de vista da agricultura, o modelo *farm* só se sustenta lá - deixe eu pegar o dado preciso, do Ministério de Agricultura americano -, está aqui: da renda líquida dos produtores norte-americanos, 48,1 por cento são originários de transferências diretas do Tesouro Nacional para a conta bancária deles. Dado de 1999, do Ministério de Desenvolvimento e Agricultura dos Estados Unidos. Não é subsídio maquiado, são transferências diretas para a conta do agricultor.

Luiz Sergio Modesto - **E os nossos subsídios?**

João Pedro Stedile - O Brasil é zero! Não tem nenhum subsídio.

Márcio Carvalho - **No primeiro mandato, FHC fez uma série de reformulações no ITR. O que aconteceu com o Imposto Territorial Rural e como está sendo a arrecadação agora?**

João Pedro Stedile - Primeiro, é preciso entender a política geral. Como dentro do modelo *farm* não cabe a reforma agrária - porque assentamento não é política de reforma agrária - e como a sociedade cobra a reforma, porque sabe que o latifúndio é injusto e o latifundiário é um sujeito anti-social, o governo tem de dar uma resposta política para a sociedade. E fica inventando perfumarias que aparentemente são reforma agrária, mas o cara não tomou banho, só pôs perfume - depois que passar o efeito do perfume, volta o fedor. Então, a sociedade pressiona, eles dizem: "Agora vai ser o ITR". Analisamos a mudança do ITR e dissemos que a mudança ia ser pior. E eles: "Não, vamos recolher com a mudança 1 bilhão, 1 bilhão!" Fizeram a

mudança, mudaram a lei - antes eram recolhidos 300 milhões de reais por ano, agora baixou para 180, 190...

Wagner Nabuco - **A arrecadação do ITR do Brasil inteiro é menor que a do IPTU de Copacabana.**

João Pedro Stedile - Ou de um bairro aqui de São Paulo. E agora anunciaram para a Contag: vão estadualizar o ITR, outra fantasia! Até do ponto de vista administrativo é inviável, para mudar o ITR tem de mudar a Constituição. Vamos dizer que eles articulem a base parlamentar e mudem, a partir do ano que vem o ITR vai ser estadualizado. Passo seguinte: cada assembléia legislativa vai ter de fazer a sua lei, porque o ITR de São Paulo, obviamente, vai ser diferente do ITR do Pará. Bom, aí cada assembléia vai fazer a sua lei. Como é imposto, só pode ser cobrado no outro ano. Então, 2000 muda, 2001 faz a nova lei, vai ser cobrado em 2002 para ser recolhido em 2003, quando nenhum desses governos existir mais. É uma fantasia, não resolve. Ao contrário, vai ser uma sujeira, porque a grande sacada, uma reivindicação nossa, era levar o ITR para a Receita Federal. Por que? Para evitar que o dono da terra minta. Porque ele mente: para o Incra, diz que tem 10.000 hectares, e no Imposto de Renda diz que tem 1.000, porque não são cruzados os dados. Então, o que dissemos: "Leva o ITR para a Receita Federal, ela cruza com o Imposto de Renda e o sujeito não tem como mentir". Porque, se ele não paga o ITR, ele perde o valor do patrimônio. Agora, estadualiza isso aí, nunca mais você pega o sujeito.

Luiz Sergio Modesto - **A regionalização da reforma agrária é boa ou ruim para o MST?**

João Pedro Stedile - Assim como você diz, ela vira uma panacéia. Necessariamente, num plano de reforma agrária há regionalização. Mas não existe a regionalização por si só. Tem de haver uma política geral de democratização da propriedade da terra. Dentro dessa política geral, as realidades regionais são levadas em conta. Então, a reforma agrária numa região que antes era pecuária será de um jeito, a que era cana será de outro jeito, aí vem a regionalização. E, como o Brasil é um país muito grande, poderíamos priorizar regiões, não precisa começar a fazer reforma agrária em tudo quanto é canto.

Luiz Sergio Modesto - **Quer dizer, isso não é mau, então?**

João Pedro Stedile - Não, é bom. E necessário. Só que não se pode inverter a lógica e dizer: "Vamos esquecer a reforma agrária e vamos regionalizar - o Covas faz a dele, o Dutra faz a dele, o Itamar, o Lerner...". Isso é estupidez. O que estou acrescentando é que você pode começar priorizando regiões. Vamos supor, o dia em que tivermos um governo popular, a região prioritária para fazer uma reforma agrária é o Mato Grosso do Sul, porque são terras férteis, solo levemente ondulado, não tem problema de seca, fica a 1.000 quilômetros dos maiores centros consumidores do país e hoje só tem pecuária extensiva, ou seja, você desapropria meia dúzia de moradores de São Paulo - que são os donos de lá, portanto já

são ricos em outra parte - e não causa nenhum trauma: "Ai, a família brasileira está dividida!" (*risos*) Sem nenhum trauma, você incorpora ali, para a produção de alimentos, 10, 15 milhões de hectares, que é a área agricultável da Argentina. Hoje, no Mato Grosso do Sul, não sei se você sabe, tem 52 bois por pessoa.

Verena Glass - **Quando você fala do MST, parece uma entidade que tem as mesmas idéias no país inteiro. As lideranças sempre falam a mesma língua ou cada região tem sua autonomia? Porque às vezes você vê na imprensa coisas desencontradas.**

João Pedro Stedile - Cada um fala o que quer no Movimento. E isso às vezes, na imprensa, pode nos trazer problemas. Qual é a unidade política que tem no Movimento? A unidade é: somos contra o latifúndio, contra a pobreza no campo e o único jeito de resolver esse problema é organizar povo, organizar massa. Todo mundo concorda com isso. Agora, como cada um interpreta isso, depende de onde ele esteja, da região dele, pode falar o que quiser. Falar bobagem não paga imposto. Como não temos uma estrutura orgânica fechada, tradicional, como eram os partidos de esquerda ortodoxos, se o cara sai do Movimento, saiu, pronto. Criou uma dissidência? Não, você entra e sai, qual é o problema? Você pode ser assentado lá no meio de um assentamento que é hegemônico pelo Movimento dos Sem-Terra e não querer ser do Movimento dos Sem-Terra, nem por isso você vai deixar de ser vizinho e também ninguém vai te hostilizar.

Sérgio Pinto de Almeida - **Você contou um pouco antes aquele diálogo patético do presidente.**

João Pedro Stedile - "Parem de falar mal de mim no exterior."

Sérgio Pinto de Almeida - **Exatamente. Eu queria perguntar o seguinte: esse governo tem pessoas com origem de esquerda, o Jungmann, o Aloysio Nunes Ferreira até assalto a banco fez, como você vê a frieza dessa gente diante do modelo do FMI, do modelo americano, da globalização, enfim, como pessoas que tiveram essa história hoje agem dessa maneira, até com ameaças? É só o dinheiro, é só o poder que explica isso?**

João Pedro Stedile - Deve ter muitas interpretações para esse fenômeno, não sei se a minha pode ser mais próxima da verdade...

Sérgio Pinto de Almeida - **Qual é a sua?**

João Pedro Stedile - Todo mundo sabe que vários dirigentes do atual governo foram de esquerda, então também entre eles deve ter explicações diferentes, uns por certeza, outros por oportunismo, mas acho que a maioria, do pouco que conheço, eu daria duas explicações: a primeira é que, no fundo, eles nunca tiveram compromisso real com o povo, com os pobres, nunca sentiram as necessidades reais que o povo tem. Segundo, por vaidade, que é um dos grandes antivalores da história da humanidade. Quando a vaidade ataca, produz um estrago impressionante na personalidade, no comportamento das pessoas. Noto, inclusive, na categoria de vocês. O que tem de jornalista puxa-saco em Brasília, ex-de-esquerda, você vai tentar entender e percebe que o cara se vendeu às vezes por um jantar com o ministro. Por um jantar com o ministro, o cara já fica bundão. E a vaidade. Pra dizer pros amigos: "Jantei com o ministro, recebi um telefonema".

Sérgio Pinto de Almeida - **Dá um exemplo de um ex-esquerdista vaidoso.**

João Pedro Stedile - Tem de encher um livro, mas vou dar um exemplo: o José Gomes da Silva, um grande especialista da reforma agrária, quando perguntaram a opinião dele sobre o Jungmann, ele disse: "O pior conservador é um ex-comunista". E o meu amigo Emir Sader, quando se referiu ao mesmo Jungmann,

disse: "Eu fico triste, porque percebo que os maiores anticomunistas são os ex-comunistas".

Luiz Sergio Modesto - **A gente percebe que o MST, de alguma forma, se utiliza da força, não uma violência como a do Estado. Não seduz o modelo de Gandhi, que derrotou um império?**

João Pedro Stedile - Mas ele também usava da força das massas, como nós.

Luiz Sergio Modesto - **Não, ele parava uma greve, parava um movimento quando havia violência e ele conseguiu a adesão da imprensa justamente por essas atitudes.**

João Pedro Stedile - Mas qual é a nossa teoria sobre esse teu fenômeno da força? Sempre debatemos, didaticamente, com a nossa base, dando o seguinte exemplo, pedagógico: onde está a natureza da força do latifundiário? Por que todo latifundiário tem força? E dizemos: a força do latifundiário vem do dinheiro que ele tem. Com um talão de cheque ele move montanhas, compra até o bispo, se quiser - lógico que nem todos se vendem. A força do governo, do Estado, onde está? Na polícia, na força armada, bota um bando de soldadinhos com uma arma na mão, essa que é a força, não é a lei. Porque, quando a lei é a nosso favor, ninguém vai lá usar o Exército, não é? E os sem-terra? Não temos dinheiro, não temos armas. Onde está a nossa força? Está na capacidade de juntar gente, no número de companheiros que conseguimos aglutinar e conscientizar rumo a um mesmo objetivo. Nunca defendemos: "Nossa força está em levarmos a foice". Levamos a foice porque é um instrumento de trabalho, assim como o jornalista leva a caneta, o fotógrafo a máquina dele, assim como os enfermeiros, quando entram em greve, fazem questão de ir pra avenida Paulista de uniforme branco.

Luiz Sergio Modesto - **Mas aquela foice dá medo, não?**

João Pedro Stedile - É verdade, mas, quando ela faz o roçado e produz o alimento, você não tem medo de comer o alimento que a foice ajudou a produzir. É claro que causa impacto, mas ela é um instrumento de trabalho, assim como a enxada. Agora, dá muito mais medo um cassete. (*risos*) E ninguém criou nenhuma lei para impedir que a polícia use o cassete. A nossa força está no número, não no que você usa na mão, isso é o de menos. Isso aprendemos com Gandhi e com Ho Chi Minh.

Luiz Sergio Modesto - **Então, vocês usam Gandhi.**

João Pedro Stedile - Claro, o espírito das marchas que fazemos, o que é? Mas também não vamos endeusar o Gandhi, o espírito das marchas está presente em toda a história da humanidade, desde Moisés. O povo em movimento é uma expressão coletiva de força, queremos mudar para uma coisa melhor.

José Arbex Jr. - **Quais são os números atualizados do MST, assentados, acampados?**

João Pedro Stedile - Não temos um departamento de estatística, transferimos para o Banco Mundial. (*risos*) *Grosso modo*, mais ou menos umas 250.000 famílias assentadas, mais de 100.000 famílias acampadas e 4 milhões, aproximadamente, de famílias sem-terra, esperando um pregador que as organize. Essa é a base social dos pobres do campo.

José Arbex Jr. - **Ou seja, do Movimento mesmo, tem uns 300.000 organizados entre acampados e assentados.**

João Pedro Stedile - É, 300.000 estacionados, né? Porque a influência sobre os outros também é muito grande, só que, pra movê-los, é que são outros quinhentos.

Sérgio de Souza - **Para terminar: essa história de fazer um projeto nacional, quem você convocaria para criar esse projeto nacional?**

João Pedro Stedile - O povo.